

O nascimento de uma nova Sociedade.

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas
Gerais: IPA Provisional Society¹

Sérgio Kehdy

Revista Brasileira de Psicanálise
número especial, p. 175-186 · 2017

Resumo

O texto aborda a formação de uma Sociedade filiada à IPA, realça os fundadores, os agradecimentos, e traz algumas dificuldades para que a instituição se desenvolva de forma a se tornar uma Sociedade Componente. Sublinha a importância do desejo e da persistência para se conseguir chegar a um verdadeiro desenvolvimento. Aponta as dificuldades narcísicas, que o autor chama de *dificuldades narcísicas normais*, como as mais perigosas. Presta um tributo à FEBRAPSÍ pela importância que a Federação tem no desenvolvimento dos pequenos grupos.

Palavras-chave

SBPMG; criação de uma Sociedade; formação de um grupo da IPA; dificuldades na formação de uma Sociedade; persistência; desejo de criar uma Sociedade; importância da FEBRAPSÍ na formação de uma Sociedade; passagens; promoções.

SÉRGIO KEHDY é membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais SBPMG.

A experiência de ver um grupo se desenvolver é incrível. Comparo-a com a criação de um filho, e talvez a satisfação seja parecida. Começar como Núcleo de uma Sociedade-mãe, sem qualquer preparo prévio e sem nada pronto, não é brincadeira, além do desafio para nosso narcisismo.

Começamos assim: um colega daqui (Belo Horizonte), solitário, que nunca quis pertencer aos grupos de psicanálise que existiam em BH, foi buscar formação em outros lugares e resolveu que criaria um grupo para dar formação nos moldes da IPA (International Psychoanalytical Association). Tentou e convidou vários colegas a se mudarem para Belo Horizonte, mas poucos aceitaram. Um ou dois vieram, mas não conseguiram se adaptar aqui. O que dizem dos mineiros é um pouco verdadeiro: no início, somos desconfiados, pois reza a lenda que isso é herança do ciclo do ouro – as pepitas eram escondidas e ninguém falava pelo medo dos roubos, uma vez que todos poderiam ser ladrões em potencial. Depois que conhecemos, somos acolhedores e simpáticos como ninguém.

Tudo começou quando o colega Sebastião Salim me convidou, como mineiro que já havia estudado na capital e desejava fazer mudanças na vida, e eu aceitei.

Muitas vezes, quem estudou no Rio de Janeiro ou em São Paulo tem a fantasia de que sabe mais, que teve acesso a coisas que os outros não tiveram, e isso faz nascer uma certa arrogância. Talvez em cidades menores isso até seja verdadeiro, pois acabam por idealizar os mestres, mas não foi o caso de BH.

Aqui é uma cidade grande, que progride a cada minuto; a UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) é uma das mais produtivas do Brasil, com nomes de prestígio internacional e que jamais ficariam impressionados com o conhecimento de analistas jovens, cujo único diferencial era serem membros da IPA, ilustre desconhecida para os não psicanalistas e objeto de ataque para os não filiados. Conto isso para dizer que não foi fácil, não por termos sofrido oposição ou críticas. Foi difícil mostrar nossa qualidade, demonstrar que tínhamos algo diferente a oferecer, mesmo que as exigências para a formação fossem muito maiores.

Quando cheguei, conheci pessoas altamente capacitadas teoricamente: conheciam Freud muito mais do que nós, davam cursos e tinham grupos de estudos. A força de Lacan, enquanto movimento, dominava nas universidades, mas repito que não fomos atacados. Imagino que nunca acreditaram que cresceríamos, pois a diferença numérica era de tal monta que nossa sobrevivência, durante muito tempo, vivia ameaçada. No entanto, continuamos a acreditar e a não medir sacrifícios para realizar o que se transformaria, por um longo tempo, em um verdadeiro projeto de vida.

Antes da criação, situações delicadas ocorriam com frequência, pois pessoas que praticavam a psicanálise e tinham grande prestígio nos procuraram e, por desconhecimento, mostravam o desejo de pertencer ao grupo. Não era fácil explicar-lhes que, para ingressar, teriam que ser candidatos, e com

isso acabavam por se afastar, inclusive de nós como pessoas. Alguns colegas aderiram à causa e, mesmo antes do Núcleo, começaram com nossa ajuda a promover eventos com analistas da IPA. Isso ajudou muito e, então, resolvemos nos dirigir à Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ) e solicitar a criação de um Núcleo, nos moldes dos de Recife e de Campo Grande.

A SPRJ aceitou estudar o pedido e criou uma comissão que veio a BH e concluiu que aqui não tinha clima para um grupo da IPA. Nunca se soube a razão dessa decisão, mas o tempo mostrou que a conclusão estava errada. Salim foi ao Rio e, em uma assembleia memorável da SPRJ, fez um discurso que entusiasmou a decana Maria Manhães, que resolveu encampar nossa causa e mudou a opinião da Sociedade. Com isso, o Núcleo foi criado, como um prolongamento da Rio 1.

Núcleo Psicanalítico de Belo Horizonte (NPBH)

Como ficou claro, não encontramos facilidades, mesmo com a boa vontade da maioria dos colegas que nunca se recusaram a nos ajudar. A primeira reação da SPRJ foi um *não*. Uma pequena batalha aconteceu e fomos bem-sucedidos.

Alguns anos depois, ao examinar o livro de atas do NPBH, fui surpreendido por algo de que não tinha qualquer lembrança: encontrei a ata de fundação que

foi por mim redigida, exatamente no dia 21 de abril de 1993, Dia de Tiradentes, Dia da Inconfidência Mineira e da bandeira maravilhosa do nosso estado, que continua sendo símbolo da busca de liberdade: *Libertas quae sera tamen*. Até hoje, ainda buscamos a autonomia e a liberdade para todas as decisões, pois ainda somos Sociedade Provisória.

A história do NPBH é de suor e lágrimas, na qual passamos por quase todas as provações. A SPRJ nomeia, para nossa felicidade, o doutor Victor Manoel Andrade como coordenador do NPBH. Ele não mediou esforços para levar a cabo a tarefa. Funcionamos de maneira amadora, compensada pela boa vontade da turma. Éramos três analistas didatas em BH, pois Clemilda Barbosa de Souza se juntou a nós. Nosso papel, definido pela coordenação, era o de analistas dos candidatos. Não podíamos dar seminários nem participar das atividades do Núcleo. Aos candidatos cabia fazer tudo: receber os professores vindos do Rio, buscá-los no longínquo aeroporto de Confins (nem isso era fácil, pois o candidato escolhido perdia a tarde de consultório para desempenhar essa função), cuidar dos visitantes, preparar lanches e, muitas vezes, hospedá-los em suas residências.

O NPBH teve duas turmas: a primeira foi um grande sucesso numérico, e a maioria dos candidatos chegou ao fim da formação; a segunda foi um exemplo de persistência e de vontade, porque tiveram uma perda difícil (a morte de uma jovem colega por câncer) – candidatos foram desistindo do curso, e apenas duas terminaram e custearam a formação.

Sem desconsiderar a importância dos integrantes fundadores (Sebastião Salim, Sérgio Kehdy, Clemilda Barbosa e Mário Lúcio) para a existência da SBPMG, é preciso dar o devido crédito a essas candidatas da primeira e da segunda turma – as formiguinhas que construíram e lutaram fisicamente na construção da instituição.

Permanecemos NPBH durante alguns anos. A meu ver, foi o período mais vulnerável que passamos no sentido de se criar uma Sociedade. Vou tentar falar sobre as dificuldades. A primeira delas é a questão da autoridade, pois nosso NPBH tinha uma Diretoria, com presidente e todos os outros cargos, e ao mesmo tempo funcionava como uma turma da SPRJ – oficialmente e aos olhos da IPA, os Núcleos não têm existência. Hoje, tenho convicção de que assim é a melhor maneira, porque ser filiado à IPA implica mais complexidade, até pelas dificuldades de se compreender as diferenças culturais. Os Núcleos são frágeis. Aqui faço questão de elogiar a SPRJ, que nos respeitou em todas as nossas decisões e foi uma verdadeira Sociedade-mãe. Lembro-me disso com grande satisfação, pois sou membro da SPRJ e tenho grande carinho por essa Sociedade, por constatar que não tenho registro de nenhum contencioso entre a SPRJ e seu NPBH, mesmo em momentos de crise interna do Núcleo.

Fazendo uma reflexão profunda para escrever este trabalho de forma honesta e sem prestar apenas homenagens, como tenho feito até aqui, vejo que todos os impasses e crises são decorrentes do próprio crescimento e das dificuldades narcísicas das pessoas, às quais vou chamar

de *dificuldades narcísicas normais* (uso de licença criativa). Observa-se que crescer é passar postos, dar espaço para os que vieram depois e aceitar o novo sem se sentir lesado. No caso dos Núcleos, isso não é fácil. As angústias paranoides dominam, e o coordenador do grupo, muitas vezes, também se envolve e não consegue ver com isenção os acontecimentos. Tivemos momentos dolorosos, em que qualquer palavra ou comentário eram vividos como ofensa grave; houve situações nas quais a sobrevivência do grupo correu grandes riscos, mas com o tempo e com a saúde mental dos envolvidos foi possível deixar esses riscos no passado e seguir em frente.

O primeiro presidente do NPBH foi o idealizador e fundador, Sebastião Abrão Salim, que exerceu a função por quatro anos. O segundo foi Sérgio Kehdy, por dois anos. O terceiro foi Mário Lúcio Alves Baptista, que se mudou de São Paulo para BH e teve um papel de máxima importância no desenvolvimento e crescimento do grupo. O quarto presidente foi Gisèle de Mattos Brito, jovem analista que, junto com os colegas mais novos formados no NPBH, fez uma grande revolução, mudou a sede de lugar e profissionalizou bastante o NPBH. Depois, foi substituída por Eliane de Andrade, que com o apoio da coordenadora da SPRJ levou o NPBH à condição de Grupo de Estudos (Study Group).

O período mais difícil foi ultrapassado e muito poderia ser dito, mas o objetivo é ser o mais conciso possível, até porque,

por mais que se possa falar, nada modifica o que foi dito, ou seja, seriam confirmações das dificuldades dos membros e do próprio crescimento do grupo; assim como certos pais em relação aos filhos, alguns membros, às vezes, e sem perceber, não desejam o desenvolvimento do grupo, pois implicaria perda de hegemonia, de capacidade decisória, e a dolorosa percepção da visita cruel do tempo. Atribuo a isso as dificuldades dos grupos.

Grupo de Estudos Psicanalíticos de Minas Gerais (GEPMG)

A essa altura, o NPBH tinha outra coordenadora designada pela SPRJ, Maria Eliana Mello, de pensamento completamente diferente da orientação anterior dada pelo professor Jaques Vieira Engel. O professor Jaques coordenou por muitos anos o Núcleo e trouxe inovações que até hoje norteiam a grade curricular da SBPMG, além de ter tido um grande cuidado com os candidatos, já que olhava cada um e dava orientações para que todos concluíssem a formação. Apesar das grandes diferenças entre nós, reconheço que sem a visão e o cuidado dele talvez não tivéssemos chegado aqui.

Quando, anos mais tarde, recebemos a promoção e nos tornamos Sociedade Provisória, fui comunicar a ele; senti sua felicidade e seu comentário foi: “Muitas vezes, achei que isso jamais aconteceria.” Conto esses pequenos casos para ilustrar as

dificuldades superadas. Faço público um agradecimento especial a ele.

Com Maria Eliana Mello, a tônica foi a cobrança para pedirmos a condição de Study Group. O grupo temia isso principalmente pelos custos, que fantasiávamos ser muito altos. A tendência à acomodação é impressionante. O NPBH funcionando, com as portas da SPRJ sempre abertas, ficava a perguntar se precisava ter todo esse trabalho para se transformar em algo autônomo. Eliane de Andrade, que era a presidente então, comprou a ideia e fez o pedido à IPA, que para nossa surpresa e felicidade foi prontamente aceito – o presidente da época, Cláudio Eizirik, nos deu apoio integral. Em 2008, no Congresso Internacional, passamos a Study Group, agora novamente sob a presidência de Mário Lúcio Alves Baptista.

As mudanças foram totais: de filiação à SPRJ, passamos para o comando direto da IPA, e dois analistas foram designados como *sponsors*, Luiz Carlos Mabilde e Diana Vázquez Guijo de Canovi – ele da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, ela da Associação Psicanalítica Argentina.

Juntos fizeram um trabalho de excelente nível. A meu ver, deixaram o grupo pensar e respeitaram nossas decisões, e a tônica da dupla foi estimular o grupo a se desenvolver e a procurar soluções, que é, em minha opinião, o que deve ser feito. Alguns colegas desejavam que Luiz e Diana solucionassem problemas que são insolúveis. Para mim, foi um período de grande crescimento, vi a adolescência aparecer. Nessa época, Mário Lúcio volta para São Paulo, e eu assumo a presidência. Conviver com

os presidentes de todas as Sociedades, ter direito a voz e voto nas Federações e ser tratado como um igual por colegas das maiores Sociedades brasileiras e latinas, mesmo sem ainda ter o *status* de Sociedade, dava a sensação clara do momento evolutivo em que estávamos.

Como em todos os grupamentos, o narcisismo das pequenas diferenças apareceu e gerou problemas, como algumas mágoas, colegas que não se sentiam integrados e com queixas; no entanto, o funcionamento do grupo nunca foi perturbado em sua essência. O Instituto de Ensino, a grande e principal mudança na passagem de Núcleo a Grupo de Estudos, funcionou com uma regularidade impressionante. O programa foi criteriosamente escolhido e, para isso, contamos com a ajuda de vários colegas, além dos *sponsors*. A Comissão Científica, outro setor de grande importância no crescimento de uma instituição, também não teve irregularidades.

Por um tempo, convidamos colegas de outras Sociedades para falarem e fazerem os eventos mensais, denominados por nós de Diálogos Psicanalíticos, mas, à medida que os membros e candidatos cresciam, novos desenhos foram criados e a Comissão Científica passou a funcionar melhor ainda. Desde a fundação como NPBH, sempre fizemos jornadas anuais, com a presença de convidados de outros estados.

Posso afirmar que quase todos os analistas com produção científica de destaque já estiveram em Belo Horizonte, o que foi uma vitória, pois, além dos ensinamentos, puderam ver nosso desenvolvimento e conhecer-nos. Outro eixo que funciona

dentro do possível é o Departamento de Assistência Psicológica, que é um celeiro de pacientes para as supervisões oficiais. É um dos setores mais complexos, porque precisa ser divulgado, mas na medida certa, pois sempre existe o risco de muita demanda e grandes filas para atendimentos. Os demais setores também mostram a importância da harmonia com o todo.

Só pensamos sobre certas coisas quando estamos vivendo o problema – por exemplo, a fundamental importância da função de secretário-geral: aqui, além de ser o substituto oficial do presidente, tem de funcionar afinado com a Diretoria; todo o andamento administrativo e as relações institucionais passam pelo secretário. Desde que nos tornamos Grupo de Estudos, observei com clareza o desenvolvimento das atividades do secretário. Por último, a tesoureira, essa é “antes de tudo uma forte”. Conseguimos ter algum dinheiro para bancar todos os passos no sentido de chegar a Sociedade. Essa é uma função difícil. Enquanto presidente, dei a maior força para a tesoureira, que no nosso caso é de uma competência total. A presidente atual, que já foi tesoureira, sabe o significado da função e também faz o mesmo, ou seja, nada é decidido sem a aprovação da Tesouraria. Creio que assim não teremos grandes crises.

Mário Lúcio criou a *Revista Mineira de Psicanálise*; para editor-geral, designou Eliane de Andrade, a quem foram dados plenos poderes, e em seguida escolheu Rosália Lage Martins Bicalho para

coeditora. Foram produzidos de forma cuidadosa dois números da RMP, com excelentes artigos e boa impressão.

Tentei mostrar o funcionamento, pois foi isso que tivemos de descobrir por nós mesmos; embora tendo as experiências das outras Sociedades e dos *sponsors*, as soluções para cada grupamento precisam ser descobertas a cada momento. Esse ponto foi decisivo, já que todos os membros, assim como os *sponsors*, fizeram formação em outras Sociedades. Existe a tendência, a meu ver, até sem questionamentos mais profundos, de sugerir seus modelos; há uma dinâmica na instituição em gestação, uma luta velada de poder quanto ao que será adotado ou não como norma. Isso não aparece de forma explícita, até pela autoridade de *sponsors* e *liaison*, que precisa ser preservada e seguida na maior parte das vezes. Quero dizer aqui que fica difícil adquirir uma identidade original e, o pior, todos sugerem com autoridade o que será feito.

O Grupo funcionou bem e, no final da formação teórica, dois candidatos terminaram todos os trabalhos exigidos, foram bem avaliados e se tornaram membros associados.

Vale registrar que foi enquanto Grupo de Estudos que, em maio de 2015, fomos oficialmente aceitos como componentes da FEPAL (Federação Psicanalítica da América Latina). Em uma cerimônia na Assembleia de Presidentes, recebemos das mãos do presidente Fernando Orduz o título. Foi um marco importante e nos custou muito trabalho, devido à intensa burocracia do

Uruguai, onde fica a sede da Federação. Assim sendo, resolvemos solicitar ao ING (International News Group) nossa passagem para Sociedade Provisória. Conseguimos completar todas as exigências e fomos aceitos enquanto Sociedade Provisória SBPMG (IPA Provisional Society).

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais

No 49.º Congresso Internacional de Psicanálise, realizado em Boston, no dia 23 de julho de 2015, na assembleia do Business Meeting da IPA, fomos oficialmente promovidos a Sociedade Provisória. Trata-se de um momento muito importante da vida de uma Sociedade em crescimento. Grande valor simbólico e revestido de pompa. O presidente da IPA, no caso Stefano Bolognini, nos anuncia, um representante sobe ao palco e faz um rápido discurso – geralmente é tarefa do presidente do grupo (no caso, fui eu). Depois, cumprimos a tradição e oferecemos um jantar para as pessoas que atuaram diretamente em nossa promoção. Foi um momento alegre e de coroamento. De NPBH, recém-nascido, voltado para si mesmo, sem autonomia, que dependia totalmente da Sociedade-mãe para sua existência, passando por uma fase adolescente de Grupo de Estudos (GEPMG), chegamos à condição de Sociedade Provisória (SBPMG).

A luta continua e o grupo tem mais uma etapa até a condição de Sociedade Componente.

A mudança de *status* traz grandes alterações. Enquanto presidente da SBPMG, fiquei

apenas um ano, o suficiente para perceber transformações expressivas. Apesar de não ser o usual, o ING mudou os componentes do Liaison Committee. Pelo que entendi, os *sponsors* passam naturalmente para *liaison*. No nosso caso não foi assim: um novo Liaison Committee foi constituído e a nós comunicado.

Para pertencer a um Grupo de Estudos da IPA, somos obrigados a pertencer a uma Sociedade federada, e é através da Sociedade-mãe que pagamos a IPA, a FEPAL e a FEBRAPS (Federação Brasileira de Psicanálise). Após a passagem para Sociedade Provisória, temos que assumir todas essas responsabilidades. Passa-se por um período de adaptação importante, pois algo do funcionamento muda. Os candidatos começam a perceber que sua representatividade tem conotações institucionais mais explícitas, as preferências teóricas se tornam mais claras e levam à formação de subgrupos, que podem produzir uma verdadeira guerra, cabendo ao presidente da Sociedade, com a ajuda dos diretores, a habilidade de manter as diferenças apenas no âmbito da teoria, sem cair no pessoal.

O Instituto de Ensino torna-se o órgão em que as diferenças mais aparecem. O diretor precisa ser hábil, lidar com isso e não deixar que essas dificuldades prejudiquem o andamento. Reformas estatutárias e regimentais são necessárias quase constantemente.

A luta principal dessa passagem é a busca da identidade da Sociedade. Algumas liberdades que se davam aos candidatos do grupo, como fazer uma das supervisões com colegas didatas de outras

Sociedades, precisam ser alteradas, porque o quadro societário tem de se constituir com firmeza e identidade, o que referenciará a Sociedade enquanto instituição capaz de existir por si só e com competência própria.

Os regimentos precisam ser avaliados com muito cuidado, o que tem sido feito com o auxílio do Liaison Committee. A Sociedade, no momento, está com todas as suas obrigações legais regularizadas. Consegue manter-se e está muito bem instalada, a parte científica se aprimorando e os eventos se tornando cada vez mais profissionais. A participação nos vários congressos oficiais, como sempre, é grande. Os membros comparecem maciçamente e levam trabalhos de boa qualidade. Temos uma secretária eficiente que supre bem as necessidades.

A parte sensível de todos os grupos humanos são as diferenças entre alguns membros. Chego a perguntar-me se alguém pode esperar, em qualquer grupo, que elas deixarão de existir. Acho que o máximo que se pode conseguir é manter o processo democrático de forma transparente e lutar por condutas éticas, em que todos são convidados a participar. É interessante notar como os grupos são dinâmicos e como eles e suas lideranças mudam. Isso é muito gratificante de observar, mesmo sendo bem mais complicado de lidar. Assim, tudo está sendo feito, e a Sociedade é totalmente aberta ao diálogo e às mudanças.

Personagens, nomes e agradecimentos

Para se fazer um trabalho justo, não se pode deixar de citar algumas pessoas que foram fundamentais. O idealizador doutor Sebastião Abrão Salim; Sérgio Kehdy (sem falsa modéstia), que juntamente com o idealizador resolveu entrar nessa luta; o doutor Victor Manoel Andrade, primeiro coordenador e, mais do que isso, o grande realizador, que não mediu esforços para a criação do NPBH; os pré-Núcleo Flávio José de Lima Neves, analista local que se entusiasmou com o grupo e não titubeou em encaminhar vários de seus pacientes para os didatas, não se preocupou com horários livres no consultório, e Jannê de Oliveira Campos, que por conta própria propiciou a vinda de vários analistas filiados à IPA, desconhecida em BH; e a doutora Clemilda Barbosa de Souza, didata da SPRJ que se mudou para Minas, analisou candidatos, trabalhou muito e foi a responsável pela primeira sede.

Nada disso teria existido se abnegados não se tornassem candidatos. A primeira turma do NPBH se iniciou com 12 candidatos. Só vou mencionar os que terminaram e chegaram a se titular, sendo hoje figuras de grande importância no funcionamento da SBPMG: Eliane de Andrade, Marília Macedo Botinha, Maria Cristina Dias, Rosália Lage Martins Bicalho e Rosana Nicoliello Pinho. Todas as citadas são membros efetivos ou associados da Sociedade e exercem atividades.

Da segunda turma do NPBH, como já foi dito, apenas duas candidatas concluíram a formação e mantiveram vivo o grupo. São elas Thereza Cristina Paione Rezende e Paula Linhares, sendo a primeira a atual diretora do Instituto de Ensino.

Contamos com a presença de Gisèle de Mattos Brito, que se mudou para BH jovem, participou desde o início com grande entusiasmo e fez sua formação em São Paulo. Assim que possível, passou a exercer cargos, chegando à presidência do NPBH.

Mário Lúcio Alves Baptista mudou-se de São Paulo para Belo Horizonte. Ele, um analista de grande experiência, foi da mais alta importância para o crescimento e consolidação do grupo. Maria da Penha Zabani Lanzoni, esposa de Mário Lúcio, analisou candidatos e colaborou muito com o NPBH e com o GEPMG.

Outra pessoa mudou-se do Rio para BH, integrou-se ao grupo e rapidamente passou a ser figura de destaque, sendo hoje a atual presidente: Edna Pires Guerra Torres.

Todos esses nomes são objeto de homenagem e gratidão.

Agradecimento aos coordenadores já citados: Victor Manoel Andrade, o fundador; Jaques Vieira Engel, que coordenou o NPBH por vários anos – sua experiência teórica levou a um programa apurado de estudo; Maria Eliana Mello, última coordenadora, que estimulou muito a passagem a Grupo de Estudos.

Homenagem especial aos *sponsors*: Luiz Carlos Mabilde, da SPPA, e Diana Vázquez Guijo de Canovi, da APA. O trabalho deles foi fundamental para a promoção à condição de Sociedade Provisória. Sempre

atentos e sensíveis aos membros do GEPMG. Tenho deles as melhores lembranças possíveis, além de ter aprendido muito com ambos. Ainda enquanto Grupo, por decisão do ING, nomearam um terceiro *sponsor*, Gleda Brandão de Araújo, da SPMS (Sociedade Psicanalítica de Mato Grosso do Sul), pessoa amiga do grupo, bastante conhecida de todos e que sempre nos prestigiou muito como presidente da FEBRAPS.

Agradecemos ao doutor Mauro Gus da SPPA, pois enquanto *chair* do ING para a América Latina foi decisivo em vários momentos.

Com as mudanças na Diretoria da IPA e com a passagem do GEPMG a SBPMG, os *sponsors* foram substituídos, Gleda passou a ser *chair* do Liaison Committee e, como segundo componente, Nilde Jacob Parada Franch, amiga também do grupo, que muito nos prestigiou como presidente da SBPSP (Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo). A atual *co-chair* para a América Latina do ING é a senhora Telma Gomes de Barros Cavalcanti.

Recebemos a visita de dois presidentes da IPA, com os quais tivemos momentos inesquecíveis. São eles Cláudio Laks Eizirik e Charles Hanly.

Quero homenagear a todos os membros e candidatos da SBPMG.

Integraram a primeira turma do GEPMG: Alane Michelini Moura, Aléssia de Miranda Marinho Ducasse, Ana Carolina Ramon, Daniela de Grisolia Rosa Bisewski, Flávia Mello Soares, Isa Vicentina Ferreira Gomes, Lucas Silva Santos, Patrícia F. Gomes, Sandra Bulhões Cecílio e Tânia Oliveira de Almeida Grassano. Dessa primeira turma, já são membros

associados Alane Michelini Moura, Ana Carolina Ramon, Flávia Mello Soares e Lucas Silva Santos, e são membros efetivos Sandra Bulhões Cecílio e Tânia Oliveira de Almeida Grassano.

A segunda turma do GEPMG foi assim constituída: Camilla Biaggi Alvarenga, Daniela de Castro Brito Landim Pinheiro, Flávio Jorge Cecílio Pimentel, Leonardo Siqueira Araújo, Luciana Maria de Carvalho Barbosa, Maria Cristina Mazoni Silva Martins e Maria Goretti Machado.

A terceira turma do GEPMG, ainda em seminários, é composta por: Cecília Cruvinel Colmanetti, Cláudia Maria Gomes de Freitas, Eduardo Ribeiro de Sousa Lima, Kátia Maria Amaral dos Santos, Mirelle Biaggi Alvarenga, Paula Januzzi Serra, Raquel Lopes Rios, Renata Cristina Alves Guimarães, Sandra Mara Tavares de Castro e Varmelinda Alves de Faria Pereira.

A quarta turma já está selecionada, e os candidatos já em análise didática para iniciarem os seminários em agosto de 2017.

Fiz questão de citar os nomes dos candidatos, porque são eles a energia propulsora da SBPMG.

Hoje a Sociedade é assim constituída:

Presidente: Edna Pires Guerra Torres; secretária: Marília Macedo Botinha; diretora do Instituto: Thereza Cristina Paione Rezende; Comissão Científica: Gisèle de Mattos Brito; Departamento de Assistência

Psicológica: Maria Cristina Dias; Tesoureira: Rossana Nicolliello Pinho; editora da RMP: Eliane de Andrade, coeditora: Rosália Lage Martins Bicalho; delegado junto à FEBRAPS: Thereza Cristina Paione Rezende; delegado junto à FEPAL: Marília Macedo Botinha.

Membros efetivos: Rosália Lage Martins Bicalho, Sandra Bulhões Cecílio, Sérgio Kehdy e Tânia Oliveira de Almeida Grassano. Membros associados: Alane Michelini Moura, Ana Carolina Ramon, Flávia Mello Soares e Lucas Silva Santos. Membros beneméritos: Victor Manoel Andrade, Clemilda Barbosa de Souza, José Américo Junqueira, Jaques Vieira Engel, Edna Vilete, Mário Lúcio Alves Baptista e Sebastião Salim.

Aos não citados, que são muitos, peço desculpas, mas seria impossível, pois recebemos dos colegas brasileiros grande apoio – nunca cobraram por aulas ou conferências, e sempre mostraram uma disponibilidade total.

FEBRAPS

A FEBRAPS teve um grande papel na formação da SBPMG. Já me pronunciei em congressos falando que, na visão dos pequenos grupos, ela tem sido uma verdadeira mãe protetora. Desde a criação do NPBH, ela veio a BH várias vezes, fez aqui suas reuniões, o

que ajuda muito nas jornadas, pois seus diretores apresentam trabalhos e participam das mesas. Desde que passamos à condição de Grupo de Estudos, ela nos colocou nas reuniões com total direito a voz e voto, valorizou e atendeu a todas as nossas solicitações. Faço questão de registrar isso, pois, a meu ver, é uma Federação que tem funções, e uma delas, em nosso caso, foi e continua a ser plenamente cumprida, ou seja, apoiar os grupamentos em gestação.

Todas as Diretorias funcionaram de forma afetiva e solícita em relação à hoje SBPMG. Fica difícil citar os presidentes, até porque não tenho registro escrito de muitas das atividades com a presença da FEBRAPS, mas estiveram conosco todos dos últimos tempos. Sem obedecer qualquer ordem, cito Pedro Gomes, Leonardo Francischelli, Leopold Nosek, Aloysio D'Abreu, nossa *liaison* Gleda Brandão de Araújo, Fernando Santana e Daniel Delouya, o atual. Os presidentes que por acaso não estiveram aqui como presidentes vieram em outros cargos. Sempre nos incluíram nos congressos.

Portanto, quero comemorar neste texto os 50 anos da FEBRAPS com uma menção especial à *Revista Brasileira de Psicanálise*, que é um exemplo de qualidade e cuidado. Parabéns!



Nota

- 1 Fui convidado pela *Revista Brasileira de Psicanálise* a escrever sobre a SBPMG. Aceitei e entendi que o convite é pessoal – fiz o texto de forma solitária, sem discuti-lo com os colegas da Sociedade. Portanto, todas as opiniões são de responsabilidade exclusiva do autor.

El nacimiento de una nueva Sociedad.
Sociedad Brasileña de Psicoanálisis de Minas Gerais:
IPA Provisional Society

El texto aborda la formación de una Sociedad afiliada a la IPA, destaca a los fundadores, los agradecimientos, y trae algunas dificultades para que la institución se desarrolle con el fin de convertirse en una Sociedad Componente. Hace hincapié en la importancia del deseo y la persistencia para lograr alcanzar un verdadero desarrollo. Señala los problemas narcisistas, que el autor llama *dificultades narcisistas normales*, como los más peligrosos. Rinde homenaje a FEBRAPS por la importancia que la Federación tiene en el desarrollo de los pequeños grupos.

PALABRAS CLAVE: SBPMG; creación de una Sociedad; formación de un grupo de IPA; las dificultades en la formación de una Sociedad; persistencia; el deseo de crear una Sociedad; importancia de FEBRAPS en la formación de una Sociedad; promociones.

The birth of a new Society.
Brazilian Psychoanalytic Society of Minas Gerais:
IPA Provisional Society

This paper addresses the formation of an IPA-affiliated Society, and emphasizes the founders and acknowledgements. The author also writes about some difficulties the institution (entity) faces in order to develop itself in a way that it becomes a Component Society. He highlights the importance of will and persistence to achieve a real development. The author also points out narcissistic difficulties, which he calls *normal difficulties*, as the most dangerous ones. He pays a tribute to FEBRAPS because of its importance for the development of small groups.

KEYWORDS: SBPMG; the creation of a Society; creating an IPA group; the difficulties in forming a Society; persistence; will of creating a Society; importance of FEBRAPS in establishing a Society; promotions.

Sérgio Kehdy
Rua do Ouro, 104, sala 1206
30220-000 Belo Horizonte, MG
Tel.: (31) 3287-5022
sergiokehdy@gmail.com